

LITERATURA E PSICANÁLISE*

modos de aproximação

Ram Mandil
UFMG / EBP-MG

RESUMO

Este artigo procura apresentar alguns modos de aproximação entre Literatura e Psicanálise, a partir de um exame de suas origens na *episteme* moderna. As relações entre ambas são examinadas a partir da noção de aplicação e, também, de seu encontro no contexto universitário. Considerando-se uma “comunidade de destino” que as une, o artigo procura destacar alguns temas para futuras investigações e que poderão permitir a ambas estarem à altura dos desafios de nossa época.

PALAVRAS-CHAVE

psicanálise, literatura, universidade, J. Lacan, M. Foucault

Em seu Prólogo ao livro *A invenção de Morel*, do escritor argentino Adolfo Bioy Casares, Jorge Luis Borges reafirma sua defesa das “novelas de peripécias”, ameaçadas, a seu ver, desde o final do século XIX, pela ascensão dos romances de cunho psicológico. Recusando qualquer compromisso com a modernidade, que considerava uma “superstição” fundada na ilusão “de que o passado difere intimamente do presente e de que este diferirá do amanhã”,¹ Borges critica essa corrente da Literatura por sua tendência em gerar o “informe”. Isto teria chegado a tal extremo que seria facilmente plausível concluir, através desse modo de fazer literário, que “ninguém é impossível”, o que acaba por dar origem a uma série de figuras híbridas: “suicidas por felicidade, assassinos por benevolência, pessoas que se adoram a ponto de se separarem para sempre, delatores por fervor ou por humildade...”.²

Podemos dizer que esse temor de Borges reflete uma reação diante dos possíveis efeitos da Psicanálise – que vinha se constituindo nesta passagem de século – sobre a arte literária, mesmo que não houvesse, da parte de Freud, uma desconsideração pelos romances de aventura.

Um aspecto interessante dessa crítica borgeana é a sua defesa da necessidade de um lugar para o impossível. Ainda que a imaginação possa dar lugar a uma infinidade de figuras

* Texto apresentado no Colóquio LIPSI: Literatura e Psicanálise: o E da questão, dia 6/9/2003.

¹ BORGES. Prólogo. *A invenção de Morel*, p. 9.

² BORGES. Prólogo. *A invenção de Morel*, p. 8.

e personagens – o próprio Borges pôde recensar alguns deles em seu *Livro dos seres imaginários* –, haveria um limite para a dimensão simbólica, considerando-se que a manifestação do impossível retrata o encontro com o que não é passível de representação.

Penso que esta consideração pelo impossível pode ser um bom ponto de partida para se pensar as relações entre Literatura e Psicanálise, levando-se em conta tanto o modo como esse impossível se inscreve em cada um desses campos, como também no sentido de se pensar que há um impossível entre eles. Isso contrasta com uma tendência a constituir um terreno “entre” Literatura e Psicanálise, uma espécie de território híbrido, constituído por conceitos e elementos oriundos de cada lado, gerando um discurso sobre o literário recheado de noções da Psicanálise, e uma visão da Psicanálise como modo de estetização da vida.

LITERATURA E PSICANÁLISE EM *AS PALAVRAS E AS COISAS*

Um modo de contextualizar as relações entre Literatura e Psicanálise seria o de levar em consideração a tese lançada por Michel Foucault em *As palavras e as coisas*, a saber, a de que ambas se originam de um berço comum, localizado na descontinuidade da *episteme* ocidental que deu origem à modernidade.

Essa ruptura estaria associada a um movimento no interior do campo dos saberes que implicou numa reconsideração da palavra, entendida não apenas como portadora de sentido e carregada de poder de representação, mas, também, como regulada por um certo número de leis estritas – gramaticais, por exemplo –, por um conjunto de regras que seria “primeira, fundamental e determinante”³ em relação à palavra.

O filósofo francês procura acompanhar, desse modo, o percurso no saber ocidental que deu origem à Gramática Geral e à Filologia, e que, fundamentalmente, criou as condições para que a linguagem pudesse se tornar um objeto acessível ao discurso da Ciência.

Essa busca pela objetividade da linguagem teria gerado, por sua vez, uma série de “compensações”, que teriam a estrutura mesma de um retorno do recalcado, expressão freudiana que Foucault não se arrisca em utilizar. Tais compensações teriam dado origem a diversos campos do conhecimento, os quais acabaram por se constituir em pilares da civilização moderna.

Três deles merecerão destaque: um movimento que, tomando-se como mediação necessária para o discurso científico, busca purificar a linguagem de seus acidentes e impropriedades, dando origem à lógica simbólica; um segundo movimento que busca levar em consideração o entrelaçamento essencial entre a linguagem e as tradições, a memória, as fantasias e o corpo, aspecto este que formaria o terreno propício para o surgimento da Psicanálise, mas, também, para a Fenomenologia, o Estruturalismo e a Semiologia; e um terceiro de compensação à redução da linguagem a um objeto – e que, para Foucault, foi o mais importante e também o mais inesperado –, qual seja, o aparecimento da Literatura como tal, isto é, de uma prática referida ao puro ato de escrever, carregada de preocupações estéticas. Para o filósofo, a Literatura, tal como a entendemos a partir da modernidade,

³ FOUCAULT. *As palavras e as coisas*, p. 387.

surge como uma contestação da Filologia, à medida que ela “reconduz a linguagem da gramática ao desnudado poder de falar, e lá encontra o ser selvagem e imperioso das palavras”.⁴

PSICANÁLISE E POESIA: UMA COMUNIDADE DE DESTINO

Esta análise foucaultiana da constituição da modernidade, em seu aspecto epistêmico, permite compreender, sob outro ângulo, as razões que teriam levado Freud a convocar a Literatura como interlocutora privilegiada para as reflexões sobre a prática psicanalítica.

O que irá nos interessar, neste início do século XXI, é avaliar de que maneira essa inter-relação poderá se sustentar – e sobre que fundamentos.

Num trabalho de avaliação das condições de exercício da Psicanálise na chamada civilização hipermoderna, o psicanalista Jacques-Alain Miller se refere a uma “comunidade de destino” entre a Psicanálise e a Poesia desde o momento em que o discurso da Ciência passa gradativamente a ser a referência da cultura ocidental. Para o psicanalista, os efeitos dessa passagem podem ser identificados na pena dos poetas do final do século XIX, sobretudo na poesia e na prosa de Edgar Allan Poe e de Charles Baudelaire. Em recente seminário na Universidade de Paris VIII, Miller retoma o elogio de Baudelaire ao lugar de exceção que Poe representou na cultura americana e sua crítica “à grande heresia poética dos tempos modernos”,⁵ a saber, a idéia prevalente naquela sociedade de uma utilidade direta da poesia. Para Poe, não há dúvida de que a poesia seja útil, mas este não é o seu objetivo, uma vez que sua utilidade vem por acréscimo, é apenas uma de suas conseqüências.

Haveria aqui uma convergência com as teses lacanianas a respeito da Psicanálise, em relação à sua eficácia terapêutica. Se Freud já alertara para o risco do analista ser tomado por um *furor sanandi*, com Lacan vemos reiterar-se a noção da Psicanálise como uma experiência em que a cura vem por acréscimo.

Miller pôde concluir, desse modo, que o culto à utilidade direta que prepondera no mundo atual é o responsável para um deslocamento da dimensão poética para a margem, e a conseqüente valorização da prosa. Outros efeitos desse culto seriam a erosão da autoridade da palavra e o declínio de sua virtude oracular. Todos esses efeitos também incidem sobre a Psicanálise, considerando-se que sua eficácia e seu poder de interpretação dependem exatamente disto que o mundo contemporâneo recobre com o manto da inutilidade. Nesse sentido, prossegue Miller, os psicanalistas deveriam se interessar sobre essa tendência da Psicanálise atual em se tornar prosaica, de modo a buscar o que poderia fazer reascender nela “o fogo da língua poética”.⁶

LITERATURA E PSICANÁLISE NA UNIVERSIDADE

Um outro aspecto que podemos constatar na relação entre Literatura e Psicanálise é o papel de mediação desempenhado pela Universidade. Convém recordar que uma relação

⁴ FOUCAULT. *As palavras e as coisas*, p. 415.

⁵ MILLER. *Um esforço de poesia*, lição de 13/11/2002.

⁶ MILLER. *Um esforço de poesia*, lição de 13/11/2002.

entre Literatura e Psicanálise se estabeleceu muito antes dessa mediação, o que pode ser constatado tanto nas elaborações de Freud quanto nos efeitos da própria Psicanálise na constituição dos estilos literários. Basta lembrar aqui a importância do movimento surrealista para a introdução da Psicanálise na cultura francesa ou a veiculação das idéias de Freud na cultura brasileira, através do nosso Modernismo. Ou ainda a influência decisiva, ainda que não confessa, da Psicanálise e seu método de associação livre na constituição da “palavra em liberdade” dos futuristas, na escrita automática dos surrealistas, no método paranóico-crítico de Salvador Dalí, ou mesmo na constituição do monólogo interior, fundamental, por exemplo, na obra de James Joyce.

A investigação das relações entre Literatura e Psicanálise pelo discurso acadêmico pressupõe retomar uma discussão já levantada por Freud e que diz respeito às relações entre a Psicanálise, como prática e teoria, e a Universidade. Não é meu objetivo recuperar aqui esse debate, mas apenas ressaltar a necessidade – já preconizada por Freud – de se levar em consideração o campo onde essa aproximação se faz, tanto em suas possibilidades quanto em seus limites. De certo modo, isso também implica numa consideração pela absorção da Literatura pela Universidade, com sua conseqüente conversão em objeto de exame e de análise. Em outras palavras, qualquer encontro entre a Literatura e a Psicanálise, produzido em ambiente universitário, deverá levar em conta os efeitos produzidos pelo discurso da Universidade, como modo singular de agenciamento do saber e da verdade.

Não podemos desconsiderar em nossa reflexão o fato de que os Departamentos de Literatura e os chamados Estudos Culturais são hoje um dos poucos lugares em que a Psicanálise consegue se fazer ouvir no contexto da cultura anglo-saxônica. Não há como negar que estes se constituíram como refúgios para a Psicanálise numa cultura cada vez mais propensa a tratar o real pela supressão de suas manifestações. No entanto, isto também poderá ser interpretado, à luz da leitura de Foucault, como mais um índice de uma afinidade de origem entre elas.

PSICANÁLISE APLICADA

Um outro ponto de articulação entre Psicanálise e Literatura se faz em torno da idéia de “aplicação”, no sentido de uma incidência dos fundamentos de uma teoria sobre campos distintos daquele que lhe deram origem. Estamos familiarizados, desde Freud, com a prática de se aplicar a Psicanálise à Literatura, no sentido de uma interpretação da obra literária à luz dos conceitos psicanalíticos. Essa prática, tão difundida nos estudos literários e mesmo psicanalíticos, indica uma apreensão limitada do procedimento freudiano, pois uma leitura mais atenta nos demonstra que o recurso literário de Freud jamais teve por objetivo transformar ou reduzir a obra ao ponto de mera ilustração dos conceitos analíticos. Se de algum modo a Literatura, para Freud, antecipa as descobertas da investigação analítica – mesmo à revelia da intenção dos escritores –, é justamente porque nela se supõe um saber do qual a Psicanálise poderá extrair uma orientação para a sua prática do inconsciente.

Assim, cabe destacar o movimento inverso, qual seja, o de pensar a aplicação da Literatura sobre a Psicanálise, naquilo que ela seria capaz de iluminar as questões cruciais da prática analítica, mesmo não sendo este o seu objetivo. Para tanto, seria preciso recuperar uma concepção da Literatura capaz de considerá-la para além de suas preocupações

estéticas, que fosse capaz de resgatá-la como saber articulado, como aquilo que Roland Barthes designa por “*mathesis*”, uma vez que a Literatura propicia a mobilização de saberes que não aspiram a uma totalização: “a Literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe *de* alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens”.⁷ Há aqui uma convergência entre esta leitura barthesiana e a perspectiva lacaniana sobre uma Literatura capaz ser um testemunho do que Barthes designa como sendo “o grande *estrago* da linguagem”. Para Lacan, esse seria o verdadeiro “trauma” da condição humana, a saber, o encontro com a linguagem e seus efeitos sobre os modos de satisfação do homem, à medida que esse encontro instaura possibilidades e impossibilidades, inclusive ao nível da representação. Nesta perspectiva, a Psicanálise também poderá se interessar pela Literatura, seja como modo de apresentação do irrepresentável, seja como demonstração dos modos de acesso ao impossível, fato este que caracterizaria, para Lacan, a atividade artística.

Outro aspecto relevante na aproximação entre Literatura e Psicanálise é não perder de vista o fato de a Psicanálise ser, antes de tudo, uma experiência e uma prática reguladas por um discurso que procura instalar-se a partir do encontro entre dois indivíduos, sem desconsiderar os efeitos que a introdução desse discurso produz na sociedade e na cultura.

Parece-me importante frisar esse aspecto, uma vez que uma certa apreensão nesse encontro acaba por se fazer, imaginando a possibilidade de uma dissociação entre a Psicanálise como prática e como teoria, o que, a meu ver, contribui para uma neutralização de sua radicalidade, tornando-a mais palatável ao discurso corrente, primeiro passo para a sua absorção.

Nesse sentido, produzir-se o encontro entre Literatura e Psicanálise é também pensar a presença da Literatura na experiência analítica. Por exemplo, reconhecer a dimensão da narrativa acionada pelo analisando no contexto da associação livre. Se o tema da narrativa se faz sempre presente para o analisando – por onde começar, o que irei dizer hoje, não tenho nada para dizer... –, confrontado com o desafio de ultrapassar a linearidade lógica, de acolher a contradição, os lapsos, os esquecimentos, ela também estará presente do lado do analista. Por exemplo, quando da decisão pela conclusão da sessão: terá ela um aspecto semântico, concluindo-se sobre um sentido ou um significado que emergiu, ou terá um caráter a-semântico, concluindo-se sobre o isolamento de uma palavra, fazendo ressoar a vibração que ela adquire para um sujeito? Uma outra questão, na mesma direção, nos levaria a investigar a relação entre o modo como os analisandos de hoje fazem as suas associações e os destinos da narrativa no mundo contemporâneo.

De todo modo, o que não se deve perder de vista nos encontros entre Literatura e Psicanálise é o fato de que, tanto quanto o campo literário, a Psicanálise deve ser vista como produto de uma invenção continuada, como resultado de um reexame dos seus conceitos e fundamentos, inclusive a partir do que se instaura na cultura. Qualquer exercício de aproximação entre Literatura e Psicanálise deverá ser acompanhado de um esforço de atualização, tanto em relação ao que se apresenta como desafio para a Literatura, quanto ao que se coloca como questão crucial para a prática analítica no mundo contemporâneo.

⁷ BARTHES, *Aula*, p. 19.

UM PROGRAMA DE APROXIMAÇÃO

Considerando-se que tanto a Literatura quanto a Psicanálise se constituíram no próprio movimento de instauração da modernidade, seria de interesse produzir um estudo continuado das condições de emergência desses discursos, e também dos efeitos, sobre estes dois campos, do que se convencionou chamar de pós-modernidade – ou, numa outra perspectiva, de “hipermodernidade” –, incluindo-se as novas questões apresentadas pela Ciência e pela sociedade de consumo.

Ressalto aqui alguns temas que poderão formar um programa da aproximação entre Literatura e Psicanálise para os dias atuais.

No que concerne à Literatura, aprofundar a investigação sobre suas relações com a cultura de massas; estabelecer os efeitos sobre o campo literário da constatação do caráter ficcional da realidade e de sua estrutura fantasmática; levar em consideração as possibilidades da Literatura como modo de abordagem do real e de tratamento do traumático (a título de exemplo: o surpreendente interesse suscitado pela opinião de escritores – como Susan Sontag, Martin Amis, Philippe Sollers, Saramago e outros – diante dos acontecimentos de 11 de setembro, quando estes se viram convocados a ocupar o lugar de intérpretes das mensagens enigmáticas apresentadas pelos novos acontecimentos políticos).

Do ponto de vista da Psicanálise, pensar as condições necessárias para que esta possa continuar a ser um modo de acesso ao real da existência, sem se render às exigências de comprovação de sua utilidade direta; contribuir para a recuperação do princípio de autoridade da palavra, resgatando a sua dimensão oracular e enigmática, de modo que possa haver ainda lugar para uma interpretação que não se confunda com uma explicação; participar do trabalho de afirmação da especificidade da Psicanálise em relação às psicoterapias, num mundo que celebra a idéia de que “falar faz bem”; criar condições para a interpretação das novas formas de sintoma que vêm sendo produzidos pela sociedade de consumo e pelo discurso da Ciência; e, finalmente, participar da aferição das novas relações que o homem contemporâneo vem estabelecendo com o seu corpo, o que pode indicar que estamos entrando na era do pós-humano.



ABSTRACT

This paper presents some approach ways between Literature and Psychoanalysis by examining its origins in modern *episteme*. Their relationship is also studied according the notion of applied psychoanalysis and through their reunion at current university studies. Considering a common destination between them, the article detaches some subjects that may help them to be the height of the challenges of our time.

KEY-WORDS

psychoanalysis, literature, poetry, university, J. Lacan, M. Foucault

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1980.
- BORGES, Jorge Luis. Prólogo. In: BIOY-CASARES, Adolfo. *A invenção de Morel*. Trad. Vera Neves Pedroso. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MILLER, Jacques-Alain. *Um esforço de poesia*. Curso do Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII, 2003-2004, lição de 13/11/2002 (inédito).